

Um dossiê de mulheres: nove autoras escrevem sobre o Ensino de Teatro

Autoras: Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi e Thaise Luciane Nardim

"Mas ninguém pode impedir que me sinta orgulhosa daquelas que voam deslumbrantes, sem medo das luzes que aprenderam a dominar e sem medo do escuro que aprenderam a iluminar".

Luiza Barreto Leite

Estela Sezeffrida: atriz e bailarina considerada pioneira do teatro no Brasil, estreou no palco como corista em 1822 (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000). Apollonia Pinto: nasceu no camarim nº 1 do Teatro Arthur Azevedo em São Luís, Maranhão, em 1954 e neste mesmo teatro estreou como atriz aos 12 anos com a peça "A Cigana de Paris" (SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, 1954). Dulcina de Moraes: fazia teatro sobretudo pela necessidade premente de fazê-lo e, na luta contra as piores condições para se fazer teatro no Brasil, escolheu avançar (LEITE, 1965). Maria Jacintha: autora, professora, diretora e produtora teatral foi presa e amargou mais de 20 anos de ditadura, tendo suas peças proibidas aqui e em Portugal, sem deixar de resistir por toda a vida e ser imbuída de irreversível amor pelo teatro (RODRIGUES, 2006). Itália Fausta: atriz a quem se atribui um dos mais generosos temperamentos trágicos que o nosso teatro já teve, buscava a criação de um teatro diferente daquele que o panorama em que viveu a condicionou, na maioria das vezes a fazer (MICHALSKI, 1989). Pérola Negra: pioneira dentre as atrizes negras no Brasil, de quem encontramos tão poucos registros, considerada excelente atriz de qualquer gênero cênico (LEITE, 1965).

Em tempos sombrios, foram estas algumas das mulheres desbravadoras do território teatral brasileiro, abusando romper com a proibição que decorria desde o reinado de D. Maria I, de mulheres atuarem ou sequer pisarem nos palcos, nos bastidores e camarins, com fins de evitar a libertinagem, sendo o teatro estritamente reservado aos homens e todos os papéis representados por eles, sobretudo por *castrati* (COSTA, 2014).

Com base no legado das mulheres precursoras na luta contra as desigualdades de gênero e a noção cultural de machismo no teatro, as gerações que se seguiram buscaram meios de lidar com as tensões e contradições da área com mais ampla participação feminina em múltiplas frentes.

É derivada deste cenário que se apresenta este dossiê sobre o Ensino de Teatro oferecido pela Revista Digital Art&, que reúne mulheres que exploram as inúmeras relações entre teatro e educação, que foram por nós convidadas a escrever sobre seus trabalhos por fecundarem o terreno da Arte/Educação, contribuindo tanto com o amadurecimento da cena teatral brasileira como com a inserção das mulheres na sociedade, embora as reflexões do campo da teoria feminista não sejam uma tônica dos escritos aqui reunidos

Desde os tempos de Chiquinha Gonzaga, que atravessou o arame farpado da segregação moral das mulheres de teatro quando, obrigatoriamente, "mulher honesta" era a que ficava entre quatro paredes (LEITE, 1965, p.11), evoluímos para um panorama teatral repleto de personalidades femininas que tomam parte das lutas políticas, que dão forma a variadas estéticas e culturas, que repensam a sociedade, as relações, a própria arte dramática e as práticas pedagógicas e fazem teatro livremente, ainda arriscando-se, entretanto, pois

como bem explicou Guimarães Rosa, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

Não se trata, no momento, de reunir autoras com o intuito questionar se existem critérios de uma prática cênica especificamente feminina, mas sim da urgência de se continuar a dar voz real ao trabalho da mulher no teatro hoje, refletindo sobre nossa condição no mundo por intermédio da própria arte e do tipo de educação que realizamos. Nestes processos, buscamos outras articulações de ideias, renovações das relações, deslocamentos das identidades pessoais, libertações e novas bases sociais e políticas. Fundadas em tais anseios, no presente dossiê apresentamos os seguintes trabalhos de mulheres-artistas-educadoras:

O artigo de **Adriana Vaz Ramos**, da SP Escola de Teatro, "**O Design de aparência de atores e a formação de figurinistas na SP Escola de Teatro**", trata da "caracterização visual de atores", termo cunhado por ela, como uma linguagem trabalhada diretamente sobre o corpo do ator com figurinos, adereços, penteados e maquiagens para construir sua aparência física, a fim de traduzir, em matéria plástica, sensível e concreta, os traços de caráter ficcionais representados em uma dada obra. A autora diferencia a denominação "figurino" de "design de aparência de atores", construção que extrapola as funções de referencialidade normalmente atribuídas ao figurino. Como forma de suprir a grande carência de cursos neste campo, a autora traz um relato reflexivo sobre seu trabalho como professora do curso técnico de Cenografia e Figurinos, a fim de elucidar a maneira como conduz o ensino de figurino da SP Escola de Teatro.

Christina Gontijo Fornaciari, da Universidade Federal de Viçosa, aborda em seu artigo "**Ensino de Teatro junto a estudantes indígenas e o desafio da interculturalidade**" o ensino de teatro no contexto da educação voltada para estudantes indígenas, problematizando o desafio de valorizar os saberes dos povos indígenas e, ao mesmo tempo, trabalhando com conhecimentos utilizados no ensino tradicional de teatro. Ela relata parte de sua experiência com estudantes de quatro etnias indígenas diferentes – Xakriabá, Pataxó, Pankararu e Guarani – aliada ao pensamento de teóricos dos campos da educação, da arte/educação e do teatro.

Flavia Maria Ferraz Sampaio Corradin, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, expõe em seu texto "**Projeto Autor por Autor: A Literatura e História portuguesas à luz do teatro**", escrito juntamente com seus parceiros Francisco Maciel Silveira e Carlos Junior Gontijo Rosa, o histórico, os resultados e os objetivos do projeto em questão, que são, principalmente, o exame de textos teatrais (ou de forte cunho dramático) cujo tema e/ou motivo sejam a vida e/ou a obra de autores portugueses, aspectos, fatos ou personagens da História portuguesa, e também a utilização de técnicas e recursos teatrais no ensino da Literatura e História portuguesas.

Das experiências realizadas na Universidade Federal de Sergipe, **Maicyra Teles Leão e Silva** escreve o artigo "**Aulas situações: atravessamentos entre criação e aprendizagem**", em que aborda afinidades entre processos artísticos e didáticas de ensino de teatro, explorando a noção de aulas-situações como possibilidade prática dessa articulação. A autora parte da noção de experiência para a formulação do aprendizado e, na elaboração de didáticas para a sala de aula, percebe a inevitabilidade de contaminação

entre ensino e criação. Quanto às aulas-situações, o texto apresenta duas questões centrais em torno das quais elas se concretizam: a formação de comunidades provisórias na sala de aula como local de instauração de situações e a demanda contextual realçada pela produção artística contemporânea.

A professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais na área de Artes Cênicas, **Marina Marcondes Machado** tem como base em seu texto **“Um cemitério vivo: memória de infância em espiral para reativar a experiência estética”** uma hipótese existencial da aprendizagem e do ensino de arte para crianças e jovens a partir daquilo que a autora nomeia de abordagem espiral, propondo: “Precisamos pular do trampolim para o risco... na direção de outra coisa: talvez uma espécie de currículo às avessas, ensinado na forma espiral e repleto de incertezas.” Nesta chave, o educador valoriza a experiência prévia da criança e do jovem, em um cuidadoso trabalho antropológico e autobiográfico que se desdobra nas poéticas próprias dos educandos. Para tal acontecimento, a autora propõe que o currículo em arte se flexibilize, de maneira que o professor repense as fronteiras entre as artes e se torne capaz de conduzir processos que permitam surgir hibridismos entre teatro, dança, artes visuais e música, e que seus temas geradores possam estabelecer fluxos entre Nascimento, Vida e Morte. A flexibilização dos conteúdos curriculares em arte pode acontecer a partir de uma ampla discussão de um novo léxico, no qual teatro transforma-se e transfigura-se em teatralidades, música em musicalidades, artes visuais em espacialidades e dança em corporalidades.

Da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, **Naira Neide Ciotti** escreve sobre **“Quando um professor está diante de sua classe”**, analisando a atuação do professor enquanto performance em situações de aula e proporcionando uma reflexão sobre a relação entre a prática da performance e a prática da educação, pensando que a experiência pedagógica não pode ser separada da artística. Acredita que a Universidade brasileira esteja vivendo um momento favorável ao ensino da Performance Arte, quando começam a surgir na cena acadêmica uma série de programas de curso, ou disciplinas com a performance em sua grade e vendo a performance como provocadora de mudanças no olhar e na sensibilidade dos indivíduos, tendo uma função pedagógica.

Curiosamente, ou como um sinal de nossos tempos, o texto de **Thaise Luciane Nardim**, da Universidade Federal do Tocantins, estabelece um diálogo com o texto de Naira e, caso o leitor seja especialmente interessado nas abordagens vivenciais que arte da performance pode facilitar às aulas de teatro, poderá encontrar grande material para reflexão na leitura conjunta dos dois textos. Em **“Breve cartografia do espaço entre a licenciatura em teatro e as abordagens pedagógicas da “arte contemporânea de caráter performático” para alimentar as perguntas de professores inquietos”**, Thaise reapresenta-nos a ideia de professor-performer – reconhecendo em Naira uma das referências do termo – a fim de pensar qual a adequação de experiências que tangenciem a arte da performance na aula de teatro.

Patricia Leonardelli, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, escreve o artigo **“Pedagogias perdidas – Rastros para um ator do século XXI”**, em que reflete acerca das possibilidades de transmissão de saberes no processo formativo de atores, considerando as peculiaridades do teatro de nosso século. De Stanislavski até hoje, como

as estratégias de ensino evoluíram no que refere ao corpo e às questões da representação – estas últimas amplamente problematizadas pela filosofia do século XX? A autora pede que sigamos em busca de respostas teóricas e técnicas à altura dos questionamentos que o debate filosófico nos apresentou.

Já **Veronica Fabrini Machado de Almeida**, da Universidade Estadual de Campinas, em seu **“Para se pensar o ensino de teatro guiado pela alma”**, tece linhas de conexão entre o ensino de teatro, o imaginário e o pensamento feminista, apontando para as dimensões ontológicas e epistemológicas do imaginário em sua relação com práticas de ensino do fazer teatral, apresentando-nos a aula de teatro como um espaço de resistência ao positivismo e às demais heranças racionalistas que banham os espaços de ensino.

Como sabemos, ainda que já há muito tempo as mulheres tenham sido aquelas que predominantemente se dedicam ao ensino das crianças e jovens – pelo que atribuiu-se por longo tempo de caráter maternal a esta função – é também notável que as autoras tenham sido menos publicadas que os autores e, numa discrepância ainda mais alarmante, são em geral os diretores ou encenadores homens que predominam nas formações de atores em vias de profissionalização, através da condução de processos criativos muitas vezes marcados por uma energia masculina, agressiva, da chamada “via negativa”. Assim, ainda que epistemologicamente não nos aproximemos aqui de um diálogo mais estreito com o feminismo, esperamos que este dossiê possa atuar como um manifesto que pede maior reconhecimento para as mulheres-artistas-educadoras na cena teatral brasileira.

Referências.

- COSTA, Maria Emilia dos Ramos Costa. A vivência teatral entre 1771 e 1860: o que nos dizem as leis. Mestrado em estudos de Teatro. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2014.
- LEITE, Luiza Barreto. A mulher no teatro brasileiro. Rio de Janeiro: Edições Espetáculo, 1965.
- MICHALSKI, Yan. Pequena Enciclopédia do Teatro Brasileiro Contemporâneo. CNPq. Rio de Janeiro, 1989.
- RODRIGUES, Marise. Ressonâncias & memórias: Maria Jacintha, dramaturga brasileira do século XX – história de uma pesquisa. Tese (Doutorado em Letras; Estudos de Literatura, Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (Org.) Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO/BIBLIOTECA NACIONAL. Primeiro Centenário de Apolônia Pinto. Catálogo da Exposição Comemorativa. Rio de Janeiro, 1954.